

AS PEDAGOGIAS DO BALÉ NUMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA¹

Kátia Silva Souza dos Anjos,

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP)

Mônica Caldas Ehrenberg,

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Balé; Pedagogia; Filosofia

TRANÇANDO UM PLANO DE ESTUDO

Esse texto é fruto dos devaneios de uma pesquisadora em trânsito, nada muito certo, vários caminhos sendo feitos e muitas descobertas em torno de uma dança e suas pedagogias: o balé. Sigo com uma filosofia em mente e percebo a necessidade de refletir sobre como eu penso e como agenciar tantos materiais e ideias para mover essa pesquisa, ainda em processo de sedimentação, cujo objetivo é descortinar, ou dar a ver, as pedagogias do balé clássico (ou os devires). A metodologia de pesquisa está apoiada numa abordagem qualitativa, tendo a filosofia pós-estruturalista como inspiração, e com a pretensão de utilizar diversos materiais (ou intercessores): entrevistas, imagens, livros etc.

Um dos problemas que visualizei com Deleuze e Guattari (1992,2010,2011) foi refletir sobre os modos de pensar. Como eu penso? E por que penso de tal modo com ou sem tais autores? Desde o primeiro contato com os autores senti-me deslocada e minha investigação sobre as pedagogias do balé foi esmigalhada. Já não via “sentido” nas escolhas prévias que eu havia feito, pois notei que meu modo de pensar “*a priori*” ainda estava colado a uma outra filosofia, a fenomenologia de Husserl, àquele cujo solo/território é o da consciência e o sujeito é a força por excelência dotada de poder, de fazer existir as coisas do mundo. Como relata Deleuze e Guattari (2010, p.58) “a partir de Descartes, e com Kant e Husserl, o cogito torna possível tratar o plano de imanência como um campo de consciência”, e isso se dá por um ser que pensa, há um sujeito, “Husserl exige um solo para o pensamento...” (DELEUZE e GUATARRI, 2010, p.103). Eu ainda estava presa na relação “sujeito- objeto”, olhei para

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

meus objetivos e vi “fenomenologia” – identificar e compreender pela perspectiva de quem vive o balé – eu precisava pensar no problema que de fato me movia, qual o movimento e pensamento que de fato eu queria?

Como caminho de pesquisa preciso experimentar a conversa com bailarinas como possíveis *intercessoras* e não como os sujeitos cujas vivências me conduzirão ao sentido, à existência das pedagogias. O território² do balé clássico é bem conhecido, sua molaridade/raiz é forte e nítida, a busca talvez seja pela molecularidade, linhas de fuga, que não são capturáveis. “O importante nunca foi acompanhar o movimento do vizinho, mas fazer seu próprio movimento. Se ninguém começa, ninguém se mexe (...) A criação são intercessores. Sem eles não há obra.” (DELEUZE, 1992, p.156). Para Deleuze os intercessores podem ser pessoas, livros, plantas, animais, fictícios ou não, o que importa é o movimento.

Um dos meus intercessores é uma conhecida de longa data. Uma vez disse a ela que havia assistido um espetáculo de balé com uma companhia de dança que nós conhecemos bem. Perguntei o que havia achado dessa apresentação, pois eu fiquei em êxtase, e escutei que “faltou limpeza”. Na época escutei e fiquei sem saber o que dizer, porque isso não era um problema para mim, eu só havia buscado a sensação do espetáculo. Após anos, agora em 2020, a entrevistei “convicta” de absorver os modos de ensino e aprendizagem do balé, e notei que novamente, de modo breve, ela menciona a “limpeza”.

De imediato não fiquei com isso na cabeça, mas conforme fui entrando na ambiência deleuziana e guattariana notei que talvez fosse aí a primeira dobra, porque o já dado, o molar, está na cara, mas minha pergunta, ou perguntas, deveriam ser outras. De início perguntei-me “como se ensina e como se aprende o balé clássico?” Contudo, pensei em outras perguntas, que se desdobram numa pesquisa em trânsito.

O QUE SOBRA

Devires – e não sei quais serão, aposto em alguns, mas eles acontecem, não são capturáveis, preciso me aninhar com os materiais, e esperar o instante do aparecimento. É necessário (de)sedimentar.

² Território, molar, molecularidade, devir etc., são conceitos de Deleuze e Guattari (Mil Platôs.)



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G; GUATARRI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol.1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G; GUATARRI, F. *O que é a filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 2010

DELEUZE, G. Os intercessores. In: *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992

